



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

JOÃO LEONEL DOS SANTOS NETO

**ANÁLISE DAS ABORDAGENS DA EPOPEIA NO LIVRO DIDÁTICO DO ENSINO
MÉDIO**

CAJAZEIRAS-PB

2019

JOÃO LEONEL DOS SANTOS NETO

**ANÁLISE DAS ABORDAGENS DA EPOPEIA NO LIVRO DIDÁTICO DO ENSINO
MÉDIO**

**Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Curso de Licenciatura Plena
em Letras, do Centro de Formação de
Professores da Universidade Federal de
Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras,
como requisito parcial e obrigatório do título
de Graduado em Letras.**

Orientador: Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva

CAJAZEIRAS-PB

2019

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva Lourenço - Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

S237a Santos Neto, João Leonel dos.
Análise das abordagens da epopeia no livro didático do ensino médio /
João Leonel dos Santos Neto. - Cajazeiras, 2019.
44f. : il.
Bibliografia.

Orientador: Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva.
Monografia (Licenciatura em Letras- Língua Portuguesa) UFCG/CFP,
2019.

1. Análise literária. 2. Poesia épica. 3. Os lusíadas. 4. Livro didático. 5.
Gênero épico. 6. Literatura. I. Silva, Abdoral Inácio da. II. Universidade
Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV.
Título.

UFCG/CFP/BS

CDU – 82.09

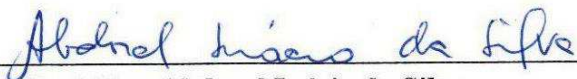
JOÃO LEONEL DOS SANTOS NETO

ANÁLISE DAS ABORDAGENS DA EPOPEIA NO LIVRO DIDÁTICO DO
ENSINO MÉDIO

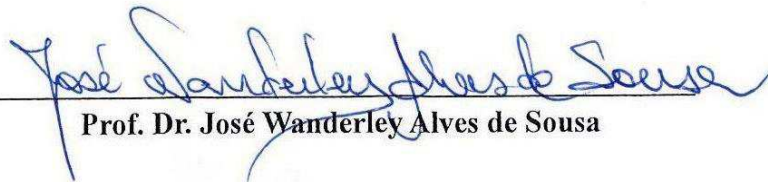
Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Letras/Língua Portuguesa, do Centro de
Formação de Professores da Universidade
Federal de Campina Grande – *Campus* de
Cajazeiras - como requisito de avaliação
para obtenção do título de licenciado em
Letras.

Aprovado em: 21/06/2019

BANCA EXAMINADORA

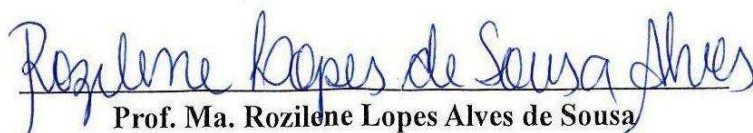


Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva
(UAL/CFP/UFCG - Orientador)



Prof. Dr. José Wanderley Alves de Sousa

(UAL/CFP/UFCG - Examinador 1)



Prof. Ma. Rozilene Lopes Alves de Sousa

(UAL/CFP/UFCG - Examinador 2)

Dedico este trabalho em especial a minha mãe. Aos meus avós (in memoriam). A minha irmã, a minha madrinha e a minha segunda mãe. A minha tia e o meu tio (in memoriam). Aos amigos verdadeiros que encontrei pelo caminho, por tudo que aprendi e vivi.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por que sem ele eu não teria chegado nem na metade do caminho, não teria amadurecido, aprendido tanto e não teria vencido tantas batalhas com sabedoria e coragem;

A minha mãe Lindete Leonel, que sempre lutou para me dar uma boa educação e uma boa vida;

Aos meus avós Esmerinda Leonel e João Leonel, por todo o apoio que deram a nossa família, por serem o suporte que nos ensinou tantos saberes e que nos deixaram tantas saudades;

A meu orientador Professor Abdoral Inácio da Silva por ter me ajudado e compartilhado tantos conhecimentos, pela paciência e dedicação;

A minha professora de TCC Prof^a. Erlane Feitosa por ter me ajudado também na conclusão deste trabalho;

Aos professores da UAL/CFP/UFCG por contribuírem para o meu desenvolvimento acadêmico durante todos esses anos;

As amigas especiais que conquistei durante esta jornada acadêmica, Marta, Lidiene, que me mostraram o verdadeiro valor da amizade e da compreensão.

A todos que fizeram a minha chegada até aqui ser possível, aqueles que nunca desistiram e acreditaram em mim. Os meus sinceros agradecimentos!

*As armas e os Barões assinalados
Que da Ocidental praia Lusitana
Por mares nunca de antes navegados
Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram;*

(CAMÕES, 2000).

RESUMO

Quando fazemos a leitura de um clássico sempre temos algo de novo para se descobrir e aprender, é uma obra que sempre nos surpreende com coisas novas e por isso se eterniza através do seu estudo, da investigação e pesquisas sobre seu passado, sua época de nascimento. Por meio da poesia épica o homem grego pôde deixar sua marca na história, trazendo consigo seus ideais e ensinamentos, que serviram para as gerações posteriores. Através desta constatação este trabalho tem por objetivo analisar como a epopeia, com especial atenção para “Os Lusíadas” de Camões, é abordada no livro didático do ensino médio. A pesquisa é bibliográfica e está de maneira analítica fundamentando-se em obras de JAEGER (1994), CALVINO (1993) dentre outros para esclarecer sobre o gênero épico e compreender a sua importância para os estudos. Apesar de estar presente nos livros didáticos, o estudo do gênero épico ainda se expõe de maneira escassa, não há contextualização sobre o gênero, só é possível notar alguns trechos que o exemplifiquem, sem adentrar no conteúdo, deixando de fora vários pontos importantes a serem estudados. O estudo deve ir além do livro didático, para que o aluno compreenda ainda mais e se sinta instigado a conhecer e aprender sobre o gênero, o trabalho pretende apresentar propostas para se trabalhar esse conteúdo em sala de aula.

Palavras-chave: Literatura. Gênero Épico. Os Lusíadas. Livro Didático.

ABSTRACT

When we read a classic we always have something new to discover and learn, it is a work that always surprises us with new things and therefore it is eternalized through its study, investigation and research on its past, its time of birth. Through epic poetry the Greek were able to make their mark on history, bringing with them their ideals and teachings, which served for later generations. Through this finding, this work aims to analyze how the epic, with special attention to "Os Lusíadas" of Camões, is approached in the textbook of high school. The research is bibliographical and is analytically based on works by JAEGER (1994), CALVINO (1993) among others to clarify about the epic genre and to understand its importance for the studies. Although it is present in textbooks, the study of the epic genre is still scarcely exposed, there is no contextualization about the genre, it is only possible to note some excerpts that exemplify it, without going into the content, leaving out several important points to be studied. The study must go beyond the textbook, so that the student understands even more and feels instigated to know and learn about the genre, the work intends to present proposals to work this content in the classroom.

Keywords: Literature. Epic Genre. The Lusiads. Textbook.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Capa do LD.....	32
Figura 2 -	Sumário do LD.....	33
Figura 3 -	Sumário do LD (continuação).....	34
Figura 4 -	Unidade 1: Texto de abertura.....	34
Figura 5 -	Boxes variados do LD.....	35
Figura 6 -	Epopéia: Gênero narrativo.....	36
Figura 7 -	Conteúdo e atividade da obra <i>Os Lusíadas</i>	37
Figura 8 -	Atividades dialogando com a obra <i>Os Lusíadas</i>	38
Figura 9 -	Atividade complementar.....	39
Figura 10-	Atividade proposta da SD.....	41

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CFP	Centro de Formação de Professores
LD	Livro Didático
LDs	Livros Didáticos
LDLP	Livro Didático de Língua Portuguesa
SD	Sequência Didática
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UAL	Unidade Acadêmica de Letras
UFCG	Universidade Federal de Campina Grande

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 A EPOPEIA NA ANTIGUIDADE	14
1.1 O GÊNERO ÉPICO	14
1.2 A IMPORTÂNCIA DA EPOPEIA NA EDUCAÇÃO DOS ANTIGOS GREGOS	15
2 OS LÚSIADAS DE CAMÕES E A SUA IMPORTÂNCIA PARA A LITERATURA 19	
2.1 SOBRE CAMÕES	19
2.2 A RELEVÂNCIA DE “OS LUSÍADAS” PARA O CLASSICISMO PORTUGUÊS	20
2.3 A IMPORTÂNCIA DA OBRA DE CAMÕES PARA A LITERATURA.....	28
3 O ENSINO DE LITERATURA NO LIVRO DIDÁTICO DO ENSINO MÉDIO	
OBSERVAÇÕES SOBRE AS ABORDAGENS DA EPOPEIA	31
3.1 O LIVRO	31
3.2 ANÁLISE PROPOSTA	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	43

INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos podemos perceber o quanto os clássicos são de extrema importância para o ensino e aprendizagem dos alunos, e por isso essas obras se tornaram clássicas justamente por deixarem marcas na cultura, nos costumes e na aprendizagem dos povos, se eternizando assim, na memória de todos, influenciando e marcando gerações. Então nos perguntamos: porque ler os clássicos?

Para Calvino (1993), os clássicos são livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual. Com isso, podemos notar que os clássicos, só se tornaram de fato clássicos, porque já se eternizaram na memória individual e coletiva de todos e ultrapassaram as barreiras do tempo, deixando as suas marcas e o seu legado, ainda segundo o autor a leitura de uma obra clássica deve nos trazer sempre algo de novo a ser descoberto, sendo que o leitor já pode ter ouvido falar de tal clássico, mas deve ter a sua opinião pessoal a respeito dele, criando sua própria visão sem a influência de segundas interpretações, por isso, não se dispensa a leitura dos textos originais.

Os clássicos irão continuar deixando a sua marca na nossa geração atual e também nas que virão, pois já fazem parte de nossa cultura e do nosso conhecimento e aprendizado como cidadãos, pois eles ultrapassam as barreiras do tempo e nos trazem sempre algo de novo e inesperado para ser descoberto e estudado.

O gênero épico nasceu na Grécia Antiga por volta do século VII a.C., além dele também existem outros dois gêneros literários que são o lírico e o dramático. A epopeia é um poema de longa extensão, distribuído em partes, são elas: a proposição, a dedicatória, a narração e o epílogo. Na proposição vemos a introdução da obra, onde o autor irá destacar a temática principal que será tratada e apresentará o herói protagonista da história. Na invocação, o poeta faz um chamamento para que as entidades superiores ajudem o herói da trama em seus desafios. Na dedicatória é a parte em que o poema será dedicado a alguém. E no epílogo é onde se termina a narrativa.

A epopeia ou poesia épica foi de extrema importância na formação do homem grego, influenciando os seus ideais, as suas crenças e os seus costumes, bem como também preservando na memória dos povos, as grandes ações e mantendo viva a sua glória, esse gênero literário tinha por função narrar os feitos dos deuses e as batalhas dos heróis, enaltecendo as suas virtudes, a sua bravura e honra nos combates, e assim o poeta educava os homens, mostrando os ideais a serem seguidos, as ações coletivas e individuais, destacando a

nobreza de caráter presentes nos personagens, que serviam como modelos de pessoas que governavam a sua própria conduta. Dentre os poetas desta época, se destaca Homero, poeta grego que nasceu no século VIII a.C. autor da *Ilíada* e da *Odisseia*, ambas epopeias de grande destaque na cultura grega.

Nesse sentido, o resgate dessa cultura na Idade Média, estabeleceu o Classicismo como uma corrente literária que buscou resgatar os elementos da cultura clássica (greco-romana) através da imitação desses clássicos gregos e latinos. Mesmo que não se tenham informações mais precisas sobre a vida do poeta, suas obras são sem dúvidas de grande importância para a formação do homem grego e para o estudo deste período da história, pois revelam dados sobre cultura, comportamento, religião, acontecimentos históricos, nos permitindo assim conhecer sobre a sociedade grega da época.

A presente pesquisa é de cunho bibliográfico, serão utilizados para a sua efetivação livros de JAEGER (1994), CALVINO (1993), STAIGER (1975) dentre outros e artigos de Internet e propõe através de investigações, levantar discursões acerca do gênero épico nos livros didáticos (LDs) atualmente, mostrando de que maneira ele está sendo estudado e buscando ressaltar a sua importância no ensino e aprendizagem dos alunos. O trabalho está estruturado dessa forma:

No capítulo I será abordado sobre a poesia épica ou epopeia, mostrando suas características como: sua constituição, sua origem e o seu objetivo, o papel do herói épico e também o do poeta na educação greco-romana e a importância do gênero épico no aprendizado dos antigos. No capítulo II será abordado sobre o grande poeta português Luís de Camões, o Classicismo presente em suas obras, em particular “*Os Lusíadas*”, da qual será feita uma análise mostrando também a importância dessa obra para a literatura portuguesa e mundial. No capítulo III será feita uma análise sobre o ensino de literatura no livro didático (LD) do 1º ano do Ensino Médio, analisando o conteúdo sobre o gênero épico, bem como as atividades propostas no tema e por último sugestões de melhorias.

Mesmo estando presente nos LDs, o estudo do gênero épico ainda se apresenta de forma bastante escassa, falta contextualização sobre o gênero, só contendo alguns trechos que servem para exemplificá-lo, não se aprofundando no assunto, retirando vários pontos importantes que precisam ser estudados.

1 A EPOPEIA NA ANTIGUIDADE

1.1 O GÊNERO ÉPICO

A poesia épica ou epopeia é um gênero literário, o qual é constituído da narração dos feitos dos heróis e onde também ocorria a intervenção dos deuses, ora ajudando, ora atrapalhando os heróis, a sua bravura e honra, eram apresentados em forma de hinos cantados, são o que hoje chamamos de poemas. Por exemplo, Hércules representava a força, já o Odisseu tinha o dom da inteligência, da esperteza e da sabedoria. Existia a interação entre homens e deuses e eles até interrompiam e interferiam nas histórias, nas batalhas e decisões dos homens. Um exemplo é a guerra de Tróia, que só irá ocorrer por conta de conflitos entre os deuses e então irá surgir Aquiles, que também é tema do poema épico da *Ilíada*.

O herói épico busca a plenitude e não a riqueza e a luxúria, ou seja, algo maior e mais importante, a sua dignidade. Eles lutam sempre em prol dos demais, mesmo que o seu destino seja a morte, por isso eles continuam a batalha, pois sabem que o seu legado será deixado e isso é o que importa para eles, pois esse é o seu maior presente.

A epopeia não reproduz os fatos tal quais aconteceram, geralmente os eventos irão ocorrer como forma de edificar, modelar o homem, tendo como inspiração o herói, que se torna um ser sagrado, por isso é considerada a imitação de homens elevados. Ela é composta de: personagens, dimensão espacial, temporalidade e ação, propriedades essenciais para a criação do gênero. A epopeia possui sempre uma narrativa longa, trazendo eventos históricos, sobre uma ou várias pessoas, que são míticos. O gênero épico tem sua origem nos cantos e recitações que eram apresentados em festivais religiosos e também nas festividades populares.

A epopeia tem sempre por objetivo, alcançar o coletivo, então havia a interação com os deuses, para que eles fossem cultuados, mostrando assim a relação que os homens tinham de submissão e respeito para com esses seres superiores, como uma condição da ordem social e política que regia esse período. O gênero épico objetivava construir um mundo que fosse real se inspirando assim através de fatos reais, de lendas, mitos, tentando representar de maneira que chegasse ao máximo próximo da realidade, para o narrador não importava o que sentia, mas o que demonstrava para o seu público.

Como nos diz Staiger (1975), a poesia épica se difere da lírica, pois enquanto a lírica se baseia na recordação, a épica foca mais na apresentação, nela o autor fica diante do mundo para mostrá-lo como funciona, mostrar as suas características e apresentá-lo de acordo com o seu pensamento e visão de tudo.

Ainda segundo Staiger (1975), o verdadeiro princípio da poesia épica, que está ligado à adição, seja ela feita em pequena ou em grande escala:

O verdadeiro princípio da composição épica é a simples adição. Em pequena ou em grande escala justapõem-se trechos independentes. A adição prossegue sempre. Teria fim somente se fosse possível percorrer todo o *orbisterrarum* e enfim tornar presente tudo que está ou que estava em alguma parte (STAIGER, 1975, p. 52, grifo do autor).

Nesse sentido Calvino (1993), nos mostra a importância de conhecer os clássicos e deixa claro que eles sempre nos trazem algo de novo, por mais que passe o tempo, as gerações, eles sempre têm algo para nos ensinar e nos instruir, passamos a conhecer algo que de alguma maneira foi dito primeiramente nas obras clássicas ou de certa forma está relacionado a essas obras de maneira específica:

O clássico não necessariamente nos ensina algo que não sabíamos; às vezes descobrimos nele algo que sempre soubéramos (ou acreditávamos saber) mas desconhecíamos que ele o dissera primeiro (ou que de algum modo se liga a ele de maneira particular). E mesmo esta é uma surpresa que dá muita satisfação, como sempre dá a descoberta de uma origem, de uma relação, de uma pertinência. (CALVINO, p. 12)

Os clássicos são aqueles livros que nos trazem sempre algo de novo, inédito, a cada nova leitura, por isso se eternizam e sobrevivem até os nossos dias, como fontes de pesquisa e estudo nas diversas áreas do saber. Não é a toa que eles estão presentes na nossa contemporaneidade, sempre nos dando um novo conhecimento, uma lição e um aprendizado, talvez porque já estejam fixados em nossa memória. Por isso, mesmo que ainda não tenhamos conhecido, lido um clássico, através do saber oral das gerações, podemos ter ouvido falar sobre uma história que já vem inspirada de um clássico dos nossos antepassados.

1.2 A IMPORTÂNCIA DA EPOPEIA NA EDUCAÇÃO DOS ANTIGOS GREGOS

Alguns historiadores e pesquisadores, como por exemplo, Eric Alfred Havelock (1963), não tem certeza da existência de Homero. Para alguns ele pode ter sido apenas um personagem lendário, sendo que suas obras podem ter sido escritas por outros poetas da

antiguidade ou podem ser apenas uma junção dos poemas orais da época. Um dos pontos que intriga em sua trajetória é o de que Homero era cego, segundo as lendas, logo não poderia ter escrito as obras que hoje conhecemos como sendo de sua autoria. A “questão homérica” levanta dúvidas e divide opiniões acerca da existência do poeta. William Mure relatou sobre tal questão em 1850, infelizmente pouco se foi obtido de informações sobre esse assunto devido à escassez de dados acerca do mesmo. Apesar desta questão, Homero se destaca por ter deixado duas epopeias de grande relevância para a cultura grega, são elas A Ilíada e A Odisseia.

Homero trazia através do Mythos, que significava narrar, contar, anunciar (ELIADE,1972), os seus poemas que contavam as histórias onde havia a interação entre deuses e homens, dando início a *paidéia* (formação do homem grego).

A palavra Paideia (παιδεία) era um termo da Grécia antiga que era utilizado para explicar noção de educação. No início a palavra se derivava de paidos (pedós) – criança e significava a "criação dos meninos", ou seja, referindo-se à educação familiar, bons modos e princípios morais. Mais tarde ela acabou ganhando um significado mais elevado e muito longe do seu significado inicial, como nos fala Jaeger (1994):

[...] ao contrário do que à primeira vista se poderia julgar, não se pode utilizar a história da palavra *paidéia* como fio condutor para estudar a origem da formação grega, porque essa palavra só aparece no séc. VI, Isto é, sem dúvida, um mero acaso da tradição, e talvez pudéssemos atestar usos mais antigos, se descobríssemos novas fontes. Mas, evidentemente, nada ganharíamos com isso, pois os exemplos mais antigos mostram claramente que no início do séc. V a palavra tinha o simples significado de “criação dos meninos”, em nada semelhante ao sentido elevado que adquiriu mais tarde, e que é o único que nos interessa aqui (JAEGER, 1994, p. 25, grifo do autor).

Diante dos exemplos de heroísmo e drama que estavam presentes nessas epopeias, muitas se derivavam de narrativas mitológicas, formando aquilo que era chamado pelos gregos de psicagogia, a conversão intelectual ou espiritual, que era uma espécie de cerimônia religiosa que servia para invocar as almas dos mortos. Alguns heróis chegaram a descer ao reino dos mortos, como por exemplo, Ulisses, Eneias, Teseu, Orfeu, Hércules. A descida ao reino inferior, era para os heróis como uma prova imposta pelos deuses, eles podiam provar assim, a sua obediência e temor, era lá que eles poderiam tomar para si a sabedoria necessária para se desfazerem da vida errante e assumir as suas responsabilidades, a sua missão para com os deuses. Os heróis Ulisses e Eneias descem ao reino dos mortos e retornam para o mundo

mortal, Ulisses presente na Odisseia, poema de Homero e Eneias presente na Eneida, poema de Virgílio.

Jaeger (1994, p. 59), destaca o papel fundamental do herói na educação dos antigos helenos:

[...] a evocação do exemplo dos heróis famosos e do exemplo das sagas é para o poeta parte constitutiva de toda a ética e educação aristocráticas. Temos de insistir no valor deste fato para o conhecimento essencial dos poemas épicos e da sua radicação na estrutura da sociedade arcaica. Mas até para os Gregos dos séculos posteriores os paradigmas têm o seu significado como categoria fundamental da vida e do pensamento.

Ele também destaca a importância de Homero nesse processo, sendo que suas obras não foram só importantes para a formação do homem grego, mas também serviram de inspiração para as gerações futuras e outras culturas, como por exemplo, para Virgílio, poeta romano, autor da *Eneida*, segundo Jaeger:

[...] a importância educadora de Homero é evidentemente mais vasta. Não se limita à formulação expressa de problemas pedagógicos nem a algumas passagens que aspirem a produzir um determinado efeito moral. A poesia homérica é uma vasta e complexa obra do espírito, que não se pode reduzir a uma fórmula única. Ao lado de fragmentos relativamente recentes que revelam um interesse pedagógico expresso, aparecem outras passagens nas quais o interesse pelos objetos descritos afasta a possibilidade de pensar uma segunda intenção moral do poeta (JAEGER, 1994, p. 66).

As epopeias homéricas nos mostram o retrato de uma sociedade concreta, mas também utópica. A concreta através do meio em que vivia o poeta, a sociedade políade arcaica, mais voltada para o material. A sociedade a se compreender através de seus poemas é a que ele vivia, não a da época em que ocorreu a Guerra de Tróia. Já a sociedade utópica, é aquela representada pelo heroísmo, que projeta a ideia da realidade arcaica, que se relacionam de maneira harmônica, mas não são iguais.

Para JAEGER (1994, p. 66) “a poesia homérica é uma vasta e complexa obra do espírito, que não se pode reduzir a uma fórmula única.” Ela não se limita apenas aos problemas pedagógicos ou a passagens que levem a produzir algum efeito moral.

Sobre a educação do homem grego, Platão vai nos dizer que ela deve começar desde muito cedo, para ele o homem estava pronto para receber a sua educação e aspirar ao bem, para purificar-se através da *paidéia*, para o filósofo existiam dois mundos: o primeiro (do grego *νοούμενον*), o mundo das ideias e o mundo phenomena (do grego antigo *φαινόμενον*)

(*phainomenon*) "algo que aparece"), o mundo dos sentidos. O mundo dos sentidos seria o mundo em que habitamos que é uma cópia do mundo das ideias, segundo o pensamento do filósofo. Por isso este primeiro mundo, cópia do original, possui erros e não é eterno, ao contrário do segundo, teoria essa mostrada através do “Mito da Caverna” do livro “A República” de Platão. O conhecimento é então como se saíssemos das correntes, para explorar o novo, o desconhecido e assim aprender mais e mais.

Assim como Platão nos mostra no mito da caverna, o ser humano está acostumado a viver de tal modo, em determinada condição e acaba se aprisionando a ela, criando assim bloqueios, que não os deixam conhecer além, ver a verdade que se esconde sob a luz que cria as sombras, ele se utiliza dessa metáfora para simbolizar os homens aprisionados na caverna, que só veem as sombras das coisas na parede da caverna, criadas pela chama da fogueira que mostrava pessoas, animais, plantas, objetos, momentos do cotidiano e que não viam o que eram de verdade com os seus próprios olhos, ficavam apenas a deduzir as coisas sem possuírem o real conhecimento delas, do mesmo modo seriam os que não buscam ampliar os seus conhecimentos através dos ensinamentos, para conhecer não só o mundo dos sentidos, mas também o mundo das ideias.

A *paideia* (educação grega) proporcionava justamente esse desenvolvimento dos ideais e por isso era essencial na formação do homem grego, contemplando e conhecendo o bem, iluminando a mente e o espírito, mostrando os reais valores éticos e morais.

A epopeia serviu de inspiração para a criação da obra “Os Lusíadas” de Camões, através do Classicismo, uma das obras mais importantes para a literatura portuguesa, no capítulo seguinte abordaremos sobre essa obra e o seu legado.

2 “OS LÚSIADAS” DE CAMÕES E A SUA IMPORTÂNCIA PARA A LITERATURA

2.1 SOBRE CAMÕES

Não existem muitas informações sobre a vida de Luís Vaz de Camões¹ e as poucas que são conhecidas são incertas, acredita-se que ele tenha nascido em Lisboa, Portugal em 1524 ou 1525. Filho de Simão Vaz de Camões e Ana de Sá e Macedo, faleceu em 10 de junho de 1580 em Lisboa, Portugal.

Segundo os dados biográficos² publicados após a sua morte, possivelmente estudou Literatura e Filosofia em Coimbra e teve a ajuda de D. Bento de Camões, seu tio paterno e frade de Santa Cruz e chanceler da Universidade. Ele fazia parte da pequena nobreza. Tentou ganhar a vida como soldado. Em 1547 foi para a África, prestando serviço por dois anos em Ceuta, lá ele acabou perdendo o olho direito em um confronto contra os mouros, no norte da África. Chegou a ser preso em Lisboa e depois foi perdoado por D. João III e logo após foi para o oriente em 1553, ficando lá por quase duas décadas.

Dentre as suas obras estão: El-Rei Seleuco (1545), uma peça teatral; Filodemo (1556), uma comédia; Os Lusíadas (1572), poema épico de grande destaque; Anfitriões (1587), uma comédia escrita em forma de auto e Rimas (1595), uma coletânea de suas poesias líricas.

Enquanto escrevia a sua obra “Os Lusíadas”³, estava participando de ações militares quando foi vítima de um naufrágio, por sorte conseguiu salvar os manuscritos. Viveu como indigente em Moçambique até que é ajudado por seus amigos que pagam suas dívidas e lhe bancam uma viagem de volta a Lisboa.

Em 1572 publica a sua obra prima “Os Lusíadas” que o imortaliza através do tempo e o torna o maior poeta português. Com a publicação do livro, passa a receber de D. Sebastião uma tença trienal de quinze mil réis, apesar disso acabou passando por privações até os seus últimos dias.

Mesmo não se tendo muitas informações sobre a vida do poeta, é inegável o legado que deixou através da sua poesia, suas obras eram possivelmente inspiradas em alguns aspectos no que diz respeito à religião, as tradições, as crenças de sua pátria natal e ganharam notoriedade fazendo dele um dos maiores poetas portugueses de todos os tempos; em Portugal se comemora em 10 de junho o dia de Camões e das Comunidades Portuguesas.

¹ Disponível em: <<http://ensina.rtp.pt/artigo/luis-vaz-de-camoes>>. Acesso em: 2 fev. 2019.

² Disponível em: <[https://www.infopedia.pt/\\$luis-de-camoes](https://www.infopedia.pt/$luis-de-camoes)>. Acesso em: 2 fev. 2019.

³ Disponível em: <https://www.ebiografia.com/luis_camoes>. Acesso em: 2 fev. 2019.

2.2 A RELEVÂNCIA DE “OS LUSÍADAS” PARA O CLASSICISMO PORTUGUÊS

O **Classicismo**⁴ era a arte que se baseava na imitação de clássicos gregos e latinos, através dessa concepção acreditava-se que imitar não era copiar, mas sim criar novas obras inspiradas pelo que já foi criado anteriormente, através das fórmulas e medidas já empregadas antes pelos antigos. Era uma corrente racionalista e procurava expressar através da razão em suas ideias verdades superiores e eternas. Já o neoclassicismo buscava mostrar a beleza, as coisas boas, a verdade e entregava a sua arte a objetivos morais.

Camões através do Classicismo português, considerado o maior autor desse período, escolheu mostrar a história de Portugal através de “Os Lusíadas”. A palavra “lusíada” significa Filho ou descendente de Luso, personagem mitológico que teria fundado a Lusitânia⁵.

Através de sua poesia, Camões expressava as suas aflições pessoais, para isso se utilizava de antíteses e de paradoxos para descrever o amor, buscando assim mostrar aquilo que acreditava, que o sentimento de amor deveria ser pensado mais do que sentido, na parte reflexiva Camões troca temas como mulher e o amor e passa a nos mostrar que o foco é a sua vida, mostrada através dos poemas mais extensos e nas canções.

Em “Os Lusíadas”, Camões nos mostra sobre a fundação mítica da nação portuguesa. Destaca também na obra um pouco do maravilhoso, vindo do dualismo Renascentista, quando os seres sobrenaturais interveem, o sentimento de bem e mal que se apresentam por meio de um bem perdido e da morte.

Presentes em seu lirismo⁶ estão temas como o amor, a saudade, as despedidas, a aflição da distância, a beleza, o chamado a importância das coisas mais simples ligadas à natureza, o amor não correspondido, entre tantos outros temas que foram abordados pelo poeta em suas obras de forma intensa e verdadeira.

Alguns desses temas derivam já da poesia provençal e do romance cortês: mulher como ser superior, quase divino, de beleza inefável; a atitude infinitamente reverente do amante perante a Senhora; o sentimento da distância que os separa, a morte por amor, etc. (MATOS, 1980, p. 44).

⁴ Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/classicismo-luis-vaz-de-camoes/50382>. Acesso em: 4 fev. 2019.

⁵ Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/lus%C3%ADadas>. Acesso em: 5 fev. 2019.

⁶ Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/letras/article/viewFile/5102/4198>. Acesso em: 5 fev. 2019.

Através dos sonetos, Camões (1961), fala de amor, de mulheres, da vida. A figura feminina irá aparecer como um ser de grande pureza:

*Quem vê, Senhora, claro e manifesto
o lindo ser de vossos olhos belos,
se não perder a vista só em vê-los,
já não paga o que deve a vosso gesto...*

Em outro soneto, presente em *Lírica - Luís de Camões (1977)*, de Massaud Moisés, Camões descreve a mulher como um ser feito pela natureza através de suas riquezas naturais, concedendo a ela a pureza e a beleza sublimes gerando assim um ser angelical:

*De quantas graças tinha, a Natureza
Fez um belo, e riquíssimo tesouro
E com rubis e rosas, neve e ouro
Formou sublime e angélica beleza...*

A lírica de Camões traz o gênero tradicional em redondilhas (um verso composto por cinco ou sete sílabas métricas), vilancetes (uma composição poética constituída em verso de pequena medida), cantigas e também os gêneros do estilo novo como os sonetos, canções, écloas (do latim *ecloga*, -ae, significa escolha, compilação) elegias (poesia focada na tristeza, melancolia) entre outros. Na poesia épica de Camões destacamos a sua obra prima “Os Lusíadas”, da qual será abordada mais a frente.

Entre os textos que elaboram uma teoria ideal (do heroísmo ou do amor) e aqueles que se limitam a discorrer sobre a experiência, percorremos toda a distância que vai do platonismo – pelo qual o poeta pretende entender a ordem do ser – ao empirismo imposto pela força dos factos, das aparências (MATOS, 1980,p.78).

Camões inspira-se nos ideais platônicos para explicar em seus textos os sentimentos do ser, o que é eterno e transcende da alma, que é puro e casto, sem possuir interesses pelo que é material, mas também vai ao empirismo, que destaca mais o mundo externo, o que é concreto, que pode ser sentido e que valoriza mais a matéria.

A dialética camoniana irá dialogar, debater, fazer questionamentos e respondê-los, como uma maneira de encontrar motivos, sem que se diminua a importância daquilo que é concreto, o poeta traz em sua obra a sua própria personalidade, colocada por meio dos temas em que se aprofunda e faz reflexões.

Como nos diz Lemos (1972), a personalidade de Camões se encontra sempre presente em sua obra, possuindo a força do caráter, o fardo da experiência amarga, o sentido que não se altera e intenso da beleza, bem como as fraquezas e ardores da índole.

O poeta nos mostra um lado de descrença, quando destaca os sentimentos ruins do ser humano, como o egoísmo, a ambição, a falsidade, o desprezo, as injustiças, a exploração de pessoas, ações estas que destroem o caráter humano, o transforma não mais em um ser de bons valores, mas alguém de maus princípios em “*Ao desconcerto do mundo*”.

Camões apresenta em sua obra dois modelos de amor, que podem ser notados através do soneto “*Que me quereis, perpétuas saudades?*”, o primeiro concede ao homem total felicidade, no cumprimento de seus desejos, já o segundo lhe serve de aprimoramento, de abertura ao conhecimento, em um ponto onde o raciocínio se conecta ao anseio. Mas o amor também lhe concede sentimentos como a solidão, a falta, o desgosto, o descontentamento, sentimentos que geram o sofrimento e a dor.

Também é nos mostrado através do soneto “*Cá nesta Babilônia*” a representação de duas realidades que se opõem, dois mundos distintos. “Babel” nomeia o mundo real com as suas mazelas e imperfeições, local onde existe a falta do bem, que limita a liberdade do ser. Já “Hierusalém” representa o mundo espiritual, do qual nos foi prometida a existência eterna, onde se perpetua os bons sentimentos, o amor e as coisas boas. Em “Babel” se concentra os sofrimentos, as dores, as faltas do ser e em “Hierusalém” se recebe a recompensa de sair de um mundo anterior onde só existem coisas ruins. O ser entra então em uma terra cheia de coisas boas, de elevada santidade, onde habita a paz e o amor eternos. Essas cidades representam simbolicamente no poema as duas realidades do homem, a da carne e a da alma, duas naturezas diferentes que o compõem.

Dentre essas duas realidades, o mundo carnal domina o ser enquanto em vida na terra, o privando da liberdade e o deixando sem acesso ao conhecimento, o que o leva a morte e então ele passa ao mundo em que a alma e não mais a carne tem domínio, é nesse momento em que ele se liberta da primeira realidade. Uma natureza estará sempre a dominar a outra, seja a carne sobre a alma ou vice-versa. O papel do amor é crucial para que o ser desconecte de “Babel” e encontre “Hierusalém”, pois esse sentimento o conduzirá ao estado de plenitude eterna. O homem deve escolher o caminho a seguir, seja no bem ou no mal.

A religião também é um dos temas recorrentes em sua poesia, pois Camões procura mostrar toda a sua fé nas crenças religiosas por meio de sua obra, em uma época em que o Cristianismo era de fato a religião portuguesa, pois neste mesmo período a Coroa Portuguesa e a Igreja Romana possuíam uma relação particular:

Essas relações da Coroa Portuguesa com a Igreja Romana podiam ser percebidas, quer na defesa da fé na luta interna contra os reformistas, com a “Inquisição”, quer na dilatação da fé nas terras descobertas, com a Companhia de Jesus. Com isso, Portugal tornou-se, durante os séculos XV e XVI, um dos países europeus que mais defendeu o cristianismo e a Igreja Católica dentro e fora de suas fronteiras (SOUZA, 2007, p. 808).

A sua obra ainda traz em seu conteúdo bastante de autobiografia, notada através dos conceitos, das ideias, da melancolia com o qual o poeta se expressa em diversos momentos chegando a abdicar do próprio canto, mas apesar de todas as decepções do caminho ele irá encontrar no amor uma razão para continuar e não desistir até encontrar a tão sonhada liberdade, da qual se renova as coisas da vida.

A obra “Os Lusíadas”⁷ foi a responsável por imortalizar o nome de Camões na literatura, na cultura de um povo que se expandiu pelo mundo. Constituída por dez Cantos e por 1.102 estrofes de oito versos cada, o que nos leva a um total de 8.816 versos. É composta de rima emparelhada e cruzada, versos com dez sílabas métricas (em decassílabos heroicos) mais conhecido como “medida nova”. As rimas são constituídas da seguinte maneira, o primeiro verso irá rimar com o terceiro e com o quinto, já o segundo verso irá rimar com o quarto e o sexto e os dois últimos sétimo e oitavo rimam entre si, acontece da seguinte forma: ABABABCC. Existem também rimas internas, o que provoca o som das vogais (assonância) e o som das consoantes (aliteração). Quanto à temática, a obra apresenta aspectos políticos, religiosos e míticos e se inspira nos modelos clássicos como “A Eneida” de Virgílio, “A Ilíada” e a “A Odisseia” de Homero.

Iniciado *in media res* segundo *Arte Poética* de Horácio (1984), (do latim "no meio das coisas") onde a narrativa começa no meio da história, em vez de o início (*ab ovo* ou *ab initio*), tudo acontece através de flashbacks ou quando os personagens relatam entre eles mesmos sobre episódios do passado. Obras como a Eneida de Virgílio e a Ilíada de Homero também possuem essa mesma estrutura literária, apresentaremos uma síntese da obra:

No canto I, do poema Camões invoca as ninfas do Tejo para que lhe deem inspiração e o atribui ao rei D. Sebastião. Ele então narra a viagem de Vasco da Gama (capitão da expedição), enquanto que neste momento os deuses do Olimpo se reúnem em um conselho comandado por Júpiter (deus do dia) para debater se os portugueses irão obter ou não um bom êxito com a sua ida à Índia. Eles recebem o apoio de Vênus (deusa do amor) e Marte (deus da

⁷ Disponível em: <<https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/analise-os-lusíadas-de-luis-de-camoes>>. Acesso em: 7 fev. 2019.

guerra), mas Baco (deus do vinho) se coloca contra, colocando vários obstáculos em seu caminho, mas graças à ajuda de Vênus eles conseguem chegar até Moçambique.

No canto II, o deus Baco influencia o rei de Mombaça a trapacear contra os portugueses. Vênus então intervém com a ajuda das Nereidas e consegue mais uma vez salvar a tripulação. Mercúrio (mensageiro) através de um sonho mostra a Vasco da Gama o caminho até Melinde (cidade localizada no oceano Índico), onde são recebidos com muita festa e comemoração, a pedido do rei da cidade, Vasco da Gama conta a história de sua pátria.

No canto III, Vasco da Gama invoca Calíope (musa da mitologia grega) e começa a narrar à história da nação portuguesa, destacando os feitos heroicos dos Reis da primeira dinastia de sua terra. Dentre os acontecimentos estão o de Egas Moniz e da Batalha de Ourique, no reinado de D. Afonso Henriques e também o da Formosíssima Maria, da Batalha do Salado e de Inês de Castro, reinado de D. Afonso IV.

No canto IV, Vasco da Gama continua a narrativa sobre Portugal e fala sobre os reis da segunda dinastia, da revolução de 1383 até o reinado de D. Manuel, quando a frota de Vasco da Gama foi para a Índia, logo após narra os episódios ocorridos no reinado de D. João II e então narra sobre o propósito que ele tinha ao viajar até a Índia, o que acabou não conseguindo concretizar em vida e que viria a se tornar realidade apenas no reinado de D. Manuel. Ao final do canto, os marinheiros partem e recebem profecias negativas de um velho que está na praia, ao que ficou conhecido como o episódio do “Velho do Restelo”.

No canto V, Vasco da Gama dar continuidade a sua narrativa, agora contando sobre a viagem da frota de Lisboa para Melinde. Ele narra a grande aventura pelos mares, os medos, os perigos enfrentados, mostrados através dos episódios de Fernão Veloso, a fúria de um monstro e Gigante Adamastor. Ao final ele destaca a censura a seus contemporâneos que desdenham da poesia.

No canto VI, chega ao fim a narrativa de Vasco da Gama, a frota sai de Melinde até Calecut, Baco vendo o bom êxito dos portugueses na viagem, pede ajuda a Netuno (deus dos mares) que solta os ventos para que a frota afunde no mar, nasce uma grande tempestade, Vasco da Gama ora a Deus e então Vênus intervém com a ajuda das ninfas que amansam os fortes ventos, desfazendo assim a tempestade, a frota avista Calecut e mais uma vez Vasco da Gama ora a Deus em agradecimento, o canto se encerra com o poeta destacando a glória obtida através dos esforços das ações.

No canto VII, a frota chega a Calecut, o poeta enaltece a expansão portuguesa e faz uma crítica às nações europeias que não seguem o exemplo de Portugal. Descreve a Índia e conta sobre o primeiro contato entre os povos indianos e portugueses, por meio de um

emissário enviado por Vasco da Gama para anunciar o seu regresso. Neste canto o poeta também faz uma crítica aos opressores e exploradores do povo.

No canto VIII, Baco interfere mais uma vez na jornada dos portugueses, tentando através dos sonhos influenciar um sacerdote brâmane contra os nautas, fazendo com que ele pense que estão lá com o intuito de roubar os seus bens. Vasco da Gama é interrogado e logo em seguida volta ao seu navio, mas no caminho é detido por um Catual subornado, que só permite a ida dos portugueses após esses lhe darem as suas fazendas. O poeta então comenta sobre o reles poder do ouro.

No canto IX, os portugueses iniciam a viagem de retorno a sua pátria, como recompensa de Vênus, antes de chegarem a Portugal, são levados a Ilha dos Amores, o Cupido (filho de Vênus) flecha as Ninfas que ficam apaixonadas pelos marinheiros, elas então se permitem seduzir por eles. Tétis (Ninfa do mar) diz a Vasco da Gama que aquele é um prêmio merecido pelas grandes conquistas que virão futuramente. O poeta encerra o canto fazendo suas considerações acerca dos meios de se alcançar o reconhecimento.

No canto X, os portugueses recebem das Ninfas um banquete especial, o poeta mais uma vez invoca Calíope, uma das ninfas profetiza grandes vitórias aos portugueses no Oriente. Tétis mostra a Vasco da Gama a Máquina do Mundo e lhe aponta os locais que serão explorados pelo povo português, após se despedirem a frota retorna a Portugal. Ao final o poeta se lastima por ser incompreendido por seu povo e incentiva D. Sebastião a dar continuidade as conquistas de sua nação portuguesa.

O poema é constituído por cinco partes: Proposição, Invocação, Dedicatória, Narração e Epílogo. Na primeira parte da Proposição se inicia do Canto I (primeira à terceira estrofe), onde o poeta nos revela a temática da obra que é a viagem de Vasco da Gama as Índias e a exaltação do povo português e dos seus feitos. Na segunda parte vem a Invocação, ainda presente no Canto I (quarta e quinta estrofes) onde acontece a invocação das musas do rio Tejo (Tágides). Na terceira parte, a da Narração se inicia também no Canto I (estrofe 18) ao Canto X (estrofe 144), nesta parte se desenvolve o relato das aventuras dos portugueses na navegação de Vasco da Gama. Na quarta parte, a da Dedicatória, no Canto I (estrofes 6 a 17), o poeta dedica a sua obra ao rei D. Sebastião, pessoa na qual deposita as esperanças de poder oferecer um futuro melhor para o seu povo. E a última parte, o Epílogo, se encontra no Canto X (da estrofe 145 a 156), é a parte em que o poeta se compadece com a situação em que o povo português se encontra, onde ele também sente que a sua súplica em favor da sua nação não é ouvida.

O foco da narrativa são os grandes feitos do povo português durante a sua expansão marítima (em particular a viagem de Vasco da Gama) e também narra as batalhas ocorridas durante a formação da nação portuguesa. A narrativa conta também com a presença de seres mitológicos, descrição de paisagens e a obra é rica em informações e valores que mostram a visão do povo português, a força de uma nação.

Tendo como herói Vasco da Gama, que conta com a proteção de Vênus (deusa do amor e da beleza) e como oponente o deus Baco (deus do vinho), a obra tem por objetivo cantar a pátria, mostrar a história de um povo e seu personagem principal, está na verdade a representar o coletivo, os medos, as batalhas, as crenças, etc. Vejamos os primeiros versos, retirados do canto I:

As armas e os Barões assinalados

*Que da Ocidental praia Lusitana
Por mares nunca de antes navegados
Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram;*

*E também as memórias gloriosas
Daqueles Reis que foram dilatando
A Fé, o Império, e as terras viciosas
De África e de Ásia andaram devastando,
E aqueles que por obras valerosas
Se vão da lei da Morte libertando,
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.
(CAMÕES, 1997, p. 1, grifo nosso).*

Através do discurso referencial a obra irá focar na viagem dos portugueses à Índia, na qual os deuses irão interferir na história, ajudando ou não, destacando assim o discurso mítico. O foco é o povo português na trajetória de descobrimento, nos episódios que ocorrem e também as influências do autor pelo Renascimento.

Camões nos mostra na obra a importância do herói corajoso, valente, audaz que não deve temer o desconhecido para que se façam novas descobertas, ele acredita na força do ser capaz de reinar na natureza. A confiança era necessária aos navegadores, pois estavam a entrar em mares e terras desconhecidas e apesar de todas as dificuldades eles teriam de ter essa capacidade de imperar na natureza e que essa força de vontade se tornaria até maior que a dos heróis mais antigos, para alcançar a vitória, que deveria ser obtida através do saber, do

conhecimento e do destemor às coisas, podemos isso ver no Canto V: “... Quão doce é o louvor e a justa glória [/] Dos próprios feitos, quando são soados! [/] Qualquer nobre trabalha que em memória [/] Vença ou iguale os grandes já passados...” (CAMÕES, 2000, p. 236) Nesse sentido, Matos (1980, p. 79) comenta:

O poeta idealiza um modelo humano pelo qual se afirma a confiança na capacidade de o homem se realizar em perfeição e plenitude: o herói audacioso, autor das descobertas – empreendimento de alcance universal – que prova a capacidade de dominar a natureza de tal modo que ultrapassa até a glória dos antigos heróis lendários.

Outro ponto tratado em “Os Lusíadas” e de grande importância é o da religiosidade, a obra épica mostra a fé do povo português diante das dificuldades de enfrentar o desconhecido. O sentimento de amor pela pátria se une à crença da nação ibérica. O poeta evidencia os feitos portugueses e também exalta a presença de Deus, destacando a sua importância para que as glórias sejam alcançadas.

Além de defender a sua fé no catolicismo Camões também mostra o seu desdém por aqueles que não a preservam mais, como os Alemães que incentivaram a “Reforma Protestante” e se posicionaram contra o papa, líder da Igreja Romana. Observa-se essa ideia no Canto VII :“... Vêdelos alemães, soberbo gado, [/] Que tão largos campos se apascenta; [/] Do sucessor de Pedro rebelado, [/] Novo pastor e nova seita inventa...” (CAMÕES, 2000, p. 301). Ele também se indigna da “Coroa Britânica” que quebra o seu vínculo com a Igreja Católica e cria a Igreja Anglicana: “... Para os de Cristo tem a espada nua, [/] Não por tomar a terra que era sua...”. Também critica a França por se denominar “Cristianíssima” sem que valha esse título: “... Que o nome «Cristianíssima» quiseste, [/] Não para defendê-lo nem guardá-lo, [/] Mas para ser contra ele e derribá-lo!”. E por último rejeita a Itália (Matriz da Igreja Católica Romana) que se submete aos maus hábitos diante do poder dos soberanos que comandam essa nação: “... Contigo, Itália, falo, já submersa [/] Em vícios mil, e de ti mesma adversa...” (p. 302). Como podemos perceber a obra traz não só a defesa do patriotismo de sua nação, mas também a valorização das crenças cristãs, o catolicismo do povo português.

Os Lusíadas é um canto de amor a pátria. Ao mesmo tempo que o povo procura a dilatação do Reino Português, o poeta ressalta a dilatação da fé nas “terras Mauritanas” e exalta os que procuram defender esta fé na luta contra o inimigo, não deixando de destacar a importância da luta dos cristãos portugueses contra o “torpe ismaelita” (os Mouros) em defesa da cristandade (SOUZA, 2007, p. 808).

Ao fim, não podemos deixar de notar a importância da temática do anseio de retorno no poema, a saudade da pátria amada, a representação da luta de um povo em busca de liberdade para criar uma nação ideal e a coragem de enfrentar o desconhecido, através das viagens marítimas.

2.3 A IMPORTÂNCIA DA OBRA DE CAMÕES PARA A LITERATURA

É inegável o valor que o poema épico de Luís de Camões possui com relação à literatura portuguesa e também a de todo o mundo, trazendo consigo uma grande riqueza de conhecimentos sobre a mitologia antiga (grega e romana), saberes esses que foram adquiridos pelo poeta em sua educação. Mesmo se dedicando aos modelos formais, em alguns episódios da obra o poeta se deixa levar pela sua criatividade e os seus conceitos, o que se pode notar, por exemplo, nos momentos em que os deuses da mitologia são rebaixados e a figura humana elevada, quando eles são confrontados e vencidos. A mitologia irá justamente representar as antigas crenças e valores do mundo arcaico e acima de tudo o seu restrito saber, então os portugueses vêm para suprimir esta velha visão do mundo antigo e trilhar por novos horizontes dentro da área do saber e da conquista de novas terras. Metaforicamente se destroem os deuses para que a figura do homem se eleve e recebe as recompensas pelas quais ele não merece mais, para isso Camões se utiliza do Evemerismo (teoria de Evêmero de Messina (Séc. IV e III a.C.) que defendia a ideia de que os deuses eram figuras humanas divinizadas pelos homens para relatar o conceito por trás dessa metáfora.

O Evemerismo, por conseguinte, nada mais é do que a tentativa de explicar o processo de apoteose de homens ilustres. Embora teoricamente antípoda do alegorismo, o Evemerismo muito contribuiu também para "salvar" a mitologia, injetando-lhe uma dose de caráter "histórico" e humano (BRANDÃO, 1986, p. 31-32).

No século XV o cristianismo estava sendo ameaçado pelos muçulmanos, que já dominavam boa parte da Europa Oriental, mas o sudoeste da Península Ibérica ainda se mantinha dominado pelos mauritanos, por conta disso eles se tornariam inimigos políticos e também religiosos de outras nações, já que seguiam a religião Islã. Em meio ao incentivo para que as nações cristãs se unissem para preservar o cristianismo, a Reforma veio a dividir as nações, como também os seus interesses políticos, resultando na impossibilidade de união das mesmas. Quando os portugueses exploraram os mares até a Índia, não se tratava só de

uma conquista por novas terras, mas também o triunfo de sua crença na cristandade, com a expansão eles conseguiram fazer com que os mulçumanos perdessem força no Oriente, pois afetou o seu domínio comercial na região. A intenção era a de evangelizar nas novas terras que fossem descobertas para que predominasse o cristianismo e amenizasse a traição das outras nações, que não lutaram para manter o seus ideais do princípio.

O herói em questão na obra “Os Lusíadas” não será Vasco da Gama, ele apenas está representando o verdadeiro protagonista da história, que seria o povo português e a sua luta para se tornar uma nação idealizada. A obra tem por objetivo destacar o próprio Império Português, mostrar assim os seus valores e conceitos, a sua cultura e a sua persistência.

Camões também se utiliza da obra para mostrar o seu ponto de vista com relação a sua nação, os problemas e anseios que a abarcam, como por exemplo, a questão da falta de caráter, quando chegam a Calecute, na Índia e o deus Baco compra o líder da região para derrotar os navegantes, isso demonstra a realidade da época, onde havia grande corrupção, em que pessoas eram compradas pelo dinheiro.

Na obra, Camões nos mostra dois pontos de vista relacionados à história da nação portuguesa, no primeiro exalta as vitórias e as conquistas do povo português, destacando o lado heroico e no outro irá retratar os perigos e os riscos das viagens marítimas, o medo do desconhecido que era enfrentado pelos nautas durante esse período das descobertas.

Ao destacar que o herói da história é o povo português Camões nos mostra que se inspira nos antigos guerreiros, como por exemplo, Aquiles presente na Ilíada e Ulisses presente na Odisseia, ambas as obras do poeta grego Homero, mas quer deixar claro que são melhores que os da antiguidade, pois esses conseguem superar os próprios deuses para alcançar os seus objetivos, podendo até se igualar a eles.

A superação dos modelos antigos faz-se ainda segundo um outro processo que tem a ver também com os cânones clássicos da epopeia, mais que Camões aplica de modo muito pessoal: a rivalidade com os deuses. Além de mostrar que os heróis portugueses ultrapassam os antigos, Camões vai mais longe, levando-os a destronar certas figuras mitológicas e a ocupar-lhes o lugar (MATOS, 1980, p. 21).

Isso é mostrado quando os navegantes conseguem a vitória sobre o deus Baco, que está tentando impedi-los de vencer e recebem da deusa Vênus uma recompensa por terem conseguido tal proeza, se elevando ao nível do divino. Os nautas recebem da deusa na Ilha dos Amores um presente ligado ao lado erótico, quando as ninfas sob o efeito das flechas do cupido se apaixonam por eles, também lhes é concedido observar a Máquina do Mundo, que

seria o cosmos e a sabedoria do que viria no futuro. Todos esses fatores levam a perceber a divinização do homem destacada pelo poeta na obra, mostrando que poderiam sim vencer os deuses e se igualar a eles.

O fato de a obra se fazer baseada na verossimilhança é o que lhe dar o tom de realidade e que a faz se superar através do modelo seguido. A história junta justamente fatos da realidade com fatos mitológicos e isso acaba lhe dando essa perspicácia, essa sagacidade ao retratar fatos históricos.

O grande objetivo de Camões não é tanto o de imitar servilmente os modelos, como o de os superar. Aprender com eles para os ultrapassar. E as primeiras estâncias d'*Os Lusíadas*, tensas de altivez e auto-afirmação são ditadas precisamente pela consciência eufórica de ser capaz de ombrear e exceder os seus modelos. (MATOS, 1980, p. 19, grifo da autora).

Portanto, fica claro que o objetivo era o de justamente trazer esse novo olhar diante de um modelo que já existia anteriormente, mostrar a história do seu povo, de sua nação, contada através de fatos verídicos e os unindo aos míticos, com a intervenção dos deuses na trajetória dos personagens e que o poeta também não deixou de destacar os problemas da sociedade em que vivia, diante de seu olhar, de seus conceitos, a descoberta e a conquista de novas terras, novas culturas, novos povos e também o medo e os anseios dos nautas ao navegar em mares desconhecidos, ele não perde o foco da narrativa e ao mesmo tempo nos mostra esses problemas que eram vivenciados em sociedade, isso tudo unido acaba criando uma obra enriquecedora e que se eterniza na literatura e na memória das pessoas, inspirando as novas gerações de poetas e deixando o seu legado através do tempo na história.

Não é a toa que foi com “Os Lusíadas” que Camões se eternizou e que deixou a sua marca, nos mostrando os seus ideais e os seus valores, por meio da história e da luta de um povo por uma nova nação, simbolizada no poema épico com a liberdade, a descoberta, a coragem, a força, mas também os seus problemas a serem enfrentados. E ao final a vitória tão esperada, revelada ao regresso da pátria amada no esplendor da sua glória.

Através da epopeia se eterniza no tempo não só a história dos povos antepassados, mas também os seus costumes, a sua cultura, a sua forma de educar. Em “Os Lusíadas” é possível ver a história de um povo e da importância que tal obra possui para essa nação. É pensando na relevância do estudo do gênero épico nas escolas, que iremos analisar e destacar no capítulo seguinte de que forma ele está sendo apresentado nos livros didáticos atuais, através do conteúdo e das atividades propostas.

3 O ENSINO DE LITERATURA NO LIVRO DIDÁTICO DO ENSINO MÉDIO: OBSERVAÇÕES SOBRE AS ABORDAGENS DA EPOPEIA

3.1 O LIVRO

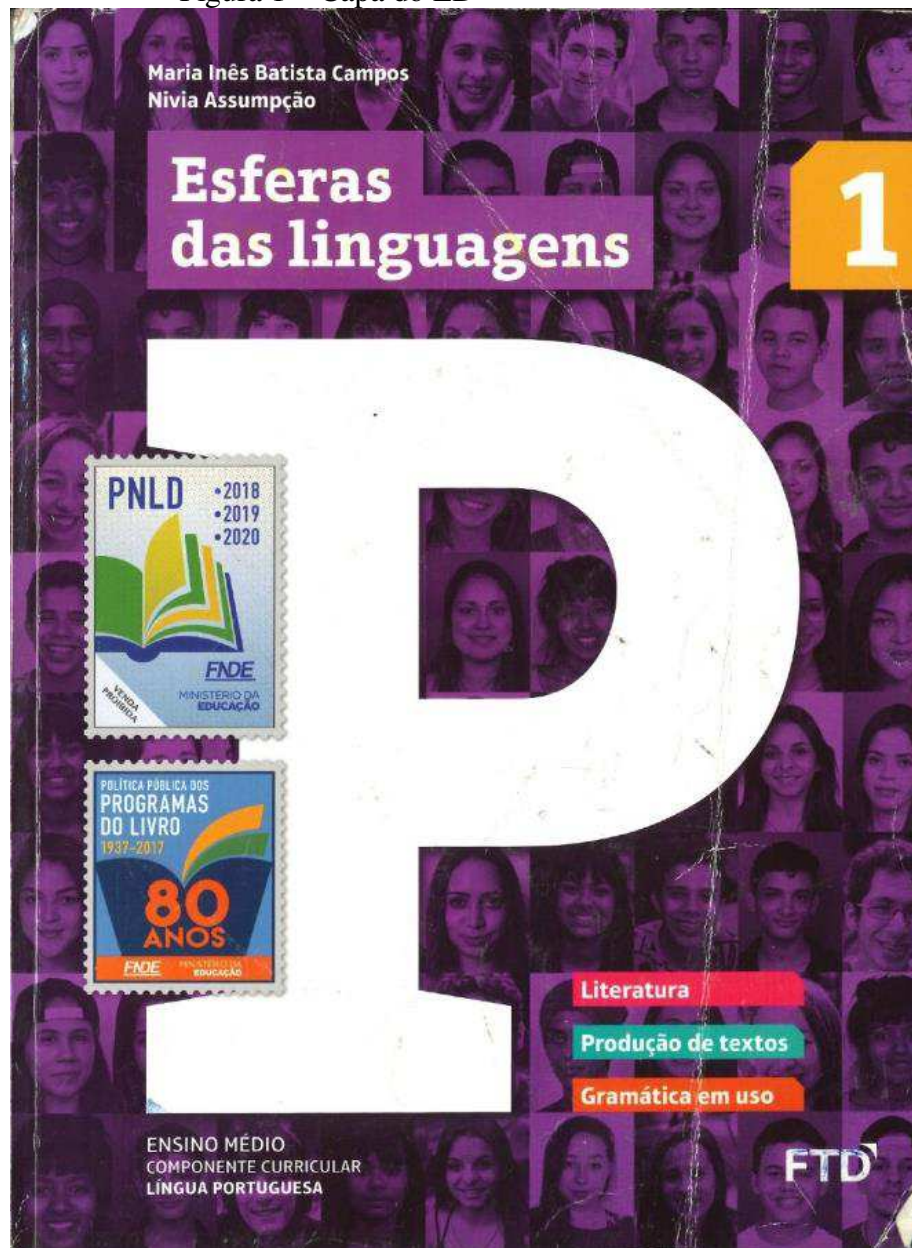
Os LDs precisam oferecer um amplo estudo do gênero épico, porque trabalhar a epopeia em sala de aula é sem dúvidas de extrema importância, através dela o aluno deve desenvolver e ampliar o seu conhecimento na leitura e interpretação de textos. Estas obras influenciaram a nossa cultura, os nossos costumes e os nossos ideais e se mantêm vivas até os dias de hoje, porque possuem um vasto valor de conhecimento para nos oferecer.

Os alunos precisam conhecer os clássicos, pois através de sua leitura, poderão ver como eram construídos os textos daquela época, como influenciaram na cultura, na educação, nos costumes e na aprendizagem dos povos. É importante que eles possam ter acesso a essas obras que serviram de inspiração para muitas outras que estão na nossa contemporaneidade, pois foi através dos clássicos que surgiram histórias que hoje vemos nos quadrinhos, no cinema, no teatro e na TV (séries, filmes, desenhos). Os heróis atuais são justamente inspirados em personagens míticos do passado, alguns ainda se mantêm vivos através desses meios de comunicação até os dias de hoje, como por exemplo, Hércules, Odisseu, Perseu, Aquiles, principalmente através dos filmes, que ainda hoje recebem adaptações do cinema de suas histórias marcantes.

Ler um clássico é então a oportunidade que o aluno tem de aprender e ampliar o seu conhecimento sobre a sua própria cultura, por isso é importante que o gênero épico seja tratado de maneira que possibilite ao aluno ter o acesso não só a trechos ou algumas poucas informações sobre ele, mas que conheçam de fato o gênero e a sua importância para a nossa cultura, formação como cidadãos, história e educação.

O LD do 1º ano do Ensino Médio a ser analisado é “Esferas das linguagens” (Figura 1). O livro que é atual e está em uso conclui o seu ciclo no final do ano de 2020.

Figura 1 – Capa do LD

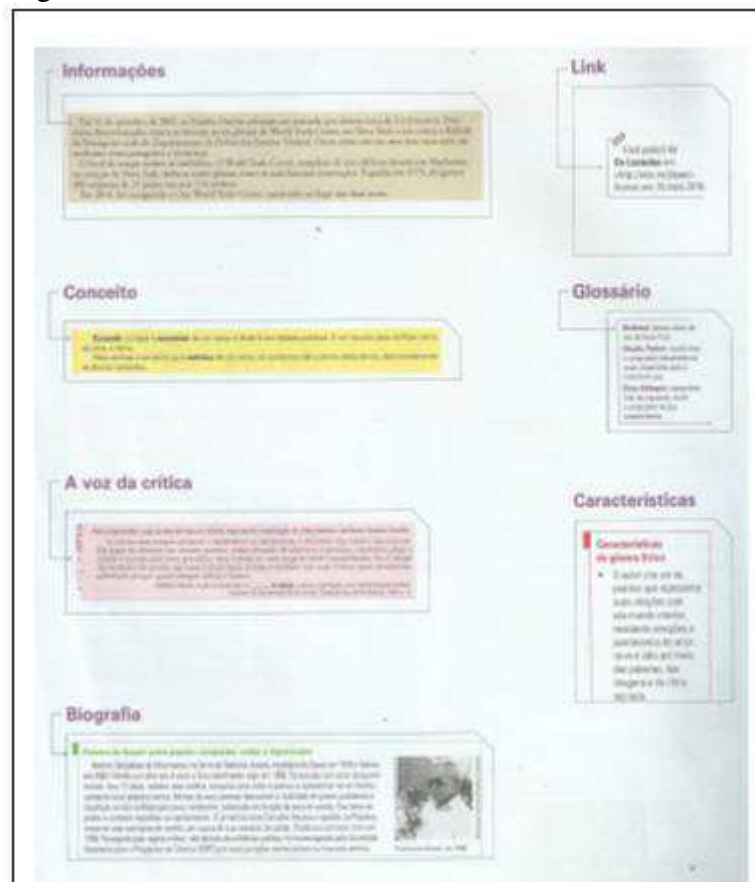


Fonte: Campos e Assumpção (2016).

Ele contém 288 páginas e 9 unidades, cada uma é composta por 3 capítulos, conforme os eixos: Leitura e literatura; Texto, gênero do discurso e produção; e Língua e linguagem (Figuras 2 e 3):

Durante a leitura dos capítulos se encontram boxes variados, contendo informações diversas, como por exemplo: explicação de conceitos, dados biográficos dos autores estudados, características de determinado gênero, texto ou período literário, informações adicionais e curiosidades sobre os temas a serem abordados no capítulo em questão e também os *links* para acesso a obras literárias de domínio público. Em determinados textos, é possível encontrar um glossário trazendo o significado de palavras e expressões, com o intuito de explicar o sentido dentro do contexto em que foram aplicadas (Figura 5):

Figura 5 – Boxes variados do LD



Fonte: Campos e Assumpção (2016, p.8).

3.2 ANÁLISE PROPOSTA

O Capítulo 16 se inicia na página 160 mostrando imagens do painel **Epopeia paulista** (2004), da artista plástica Maria Bonomi (1935), na Estação da Luz, São Paulo (Figura 6). Logo em seguida vem na página 161 a primeira atividade, pedindo para que os alunos construam um painel de memória de diferentes etnias da classe, da escola, do bairro ou da cidade.

Na mesma página vem um texto com uma pequena atividade sobre o romance **Dossiê H** de Ismail Kadaré (1990), a letra H se refere ao poeta grego Homero, no texto o autor faz uma narração simbólica sobre dois linguistas irlandeses que estão investigando na década de 1930 sobre o enigma em torno dos poemas homéricos, para isso eles se baseiam na epopeia albanesa tradicional, que ainda permanecia nas montanhas do interior, mas são confundidos com espíões pelas autoridades da região, ele destaca a importância real da epopeia, que ela é, pois, uma narrativa para se ouvir.

Apesar de informar sobre a epopeia, o conteúdo do LD ainda não adentra muito no assunto, ele compara a epopeia com textos contemporâneos. Dessa forma o aluno acaba não tendo uma visão mais ampla sobre o gênero épico. Na mesma página o livro inicia o seu conteúdo sobre a epopeia “Os Lusíadas” de Camões, é possível notar que não há contextualização sobre o gênero, onde surgiram as epopeias da antiguidade, nem informações sobre o Classicismo presente em Camões:

Figura 6 – Epopeia: Gênero narrativo

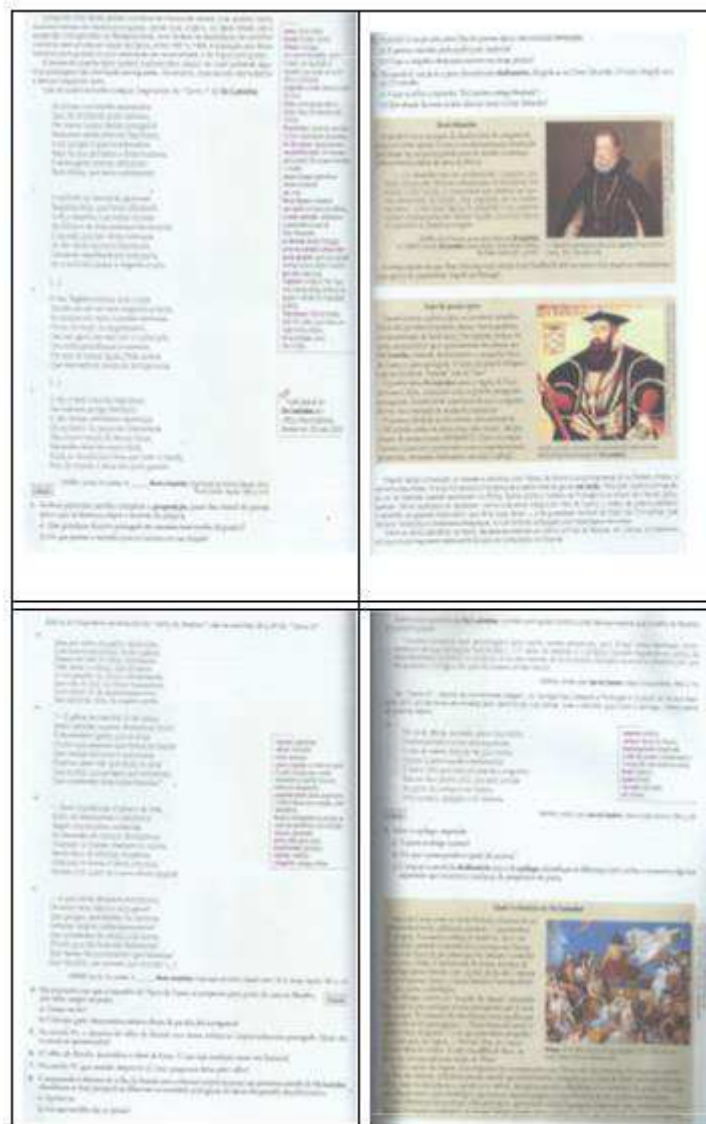


Fonte: Campos e Assumpção (2016, p.160-161).

Na página 162 traz quatro estrofes do Canto I de “Os Lusíadas”, seguido de uma atividade sobre o conteúdo (Figura 7). É notável as poucas informações que se apresentam sobre a obra, se encontram resumidas, sem muitas informações que possibilitem ao aluno compreender mais sobre o gênero épico. O livro apresenta apenas pequenos trechos do Canto I do poema, sendo que ele tem muitas outras partes de extrema importância.

A atividade se estende da página 163 a 165, contendo alguns trechos do Canto IV e do Canto X para que os alunos possam responder algumas questões (Figura 7). Ao fim da atividade vem abaixo um *box* com um pequeno resumo da obra “Os Lusíadas”:

Figura 7 – Conteúdo e atividade da obra *Os Lusíadas*



Fonte: Campos e Assumpção (2016, p.162-165).

Na página 166 o conteúdo faz um diálogo entre a obra de Camões com os poetas modernos, o poema “Mar português” de 1972, escrito por Fernando Pessoa no século XX está sendo comparado com a obra “Os Lusíadas”, mas precisamente com o episódio do velho do Restelo (Figura 8).

Em seguida vem mais uma atividade abordando o conteúdo, também se encontra dentro do exercício trechos do episódio de Inês de Castro presente em “Os Lusíadas” o comparando ao longo poema épico “Invenção de Orfeu” de 1952, do poeta brasileiro Jorge de Lima (1893-1953), o exercício segue até a página 168.

Figura 8 – Atividades dialogando com a obra *Os Lusíadas*

Na trama dos textos

Diálogo com os poetas modernos

A obra de Camões é um diálogo constante ao longo que muitos outros autores.

Quem é o autor do poema português Fernando Pessoa, no século XX. Não deixe de dialogar com o episódio do velho do Restelo.

Mar português

Outro diálogo (entre o século
 XIV e o século XX português)
 Para os modernos, quanto mais decorado,
 Quanto mais em sua essência!
 Quanto tempo passou por cima
 Para que fosse mais, é não?

Talvez o poeta? Talvez não a poeta
 Se a alma não é portuguesa
 Quem quer passar além do Bôrdado
 Tem que passar além da Gôa
 Deixar a mão e o pégo e a doura vela,
 Não sabe o que se fala no mar.

1928, Lisboa, Fernando de ... **Na trama dos textos**, p.166

Repare como o poema
 dialoga com o poema
 de Camões, o poema de
 Fernando Pessoa.

1. No poema acima, Fernando Pessoa dialoga com o poema camoniano.
 a) Que elementos fazem alusão ao episódio do velho do Restelo?
 b) Identifique os versos que expressam a crítica ao poema do velho do Restelo e explique se pode ou não ganhar tempo.

2. A expressão “mar português” e “língua de Portugal” se referem a que sentimentos?

Diálogo em que se encontra o episódio

Este poema é um diálogo dos modernos com o poema camoniano. Não há
 diálogo de igual para igual, mas sim um diálogo de respeito e admiração.
 O diálogo faz-se através da linguagem poética.

Na obra *Os Lusíadas*, de Camões, há o seguinte verso:
 “Quem quer passar além do Bôrdado
 Tem que passar além da Gôa
 e deixar a mão e o pégo e a doura vela.”

Este verso é uma alusão ao episódio do velho do Restelo, quando o velho do Restelo diz:
 “Quem quer passar além do Bôrdado
 Tem que passar além da Gôa
 e deixar a mão e o pégo e a doura vela.”

Quem é esse personagem, Fernando Pessoa? Como o episódio camoniano do velho do Restelo se
 relaciona com o poema de Fernando Pessoa? Como o poema português se relaciona com o poema
 de Camões?

A obra é dividida em 109 estrofes de versos em uma relação de intertextualidade.
 Ela, a língua, parte do episódio *épico* de *Os Lusíadas*, “Velho do Restelo”, trata-se de uma
 obra de um poeta moderno que quer se aproximar do poema de Camões (1527-1580), autor de *Os Lusíadas*,
 o poema épico de Camões. Segundo, Camões (1527-1580), autor de *Os Lusíadas*, o poema épico de
 Camões, que se tornou o primeiro poema épico de língua portuguesa, escrito em 1574 e publicado em 1575, em
 “Camões” de Fernando Pessoa. O poema é dividido em estrofes 118 a 132.

Inês, Inês é nome

Este poema é uma alusão ao episódio do velho do Restelo, quando o velho do Restelo diz:
 “Quem quer passar além do Bôrdado
 Tem que passar além da Gôa
 e deixar a mão e o pégo e a doura vela.”

Este poema é uma alusão ao episódio do velho do Restelo, quando o velho do Restelo diz:
 “Quem quer passar além do Bôrdado
 Tem que passar além da Gôa
 e deixar a mão e o pégo e a doura vela.”

Este poema é uma alusão ao episódio do velho do Restelo, quando o velho do Restelo diz:
 “Quem quer passar além do Bôrdado
 Tem que passar além da Gôa
 e deixar a mão e o pégo e a doura vela.”

Fonte: Campos e Assumpção (2016, p.166-167).

Ao final do capítulo 16 vem mais uma atividade recapitulando tudo o que foi estudado sobre a epopeia e suas características. Contendo questões sobre os episódios de “O velho do Restelo” e “Inês de Castro” de “Os Lusíadas” (Figura 9):

isso, é preciso que herói épico também seja mais estudado, de forma que o aluno consiga entender a sua importância como um modelo a ser seguido, pois na antiguidade, heróis como Aquiles de “A Ilíada” ou Ulisses da “Odisseia” ambas epopeias de Homero, estão presentes em grandes obras que precisam ser estudadas para que se possa compreender ainda mais sobre o gênero épico.

Então é preciso que haja mais informações sobre o gênero épico, tanto no conteúdo, quanto nas atividades, para que o aluno consiga compreender a importância de se estudar uma epopeia, levantando mais questionamentos acerca do assunto. Os professores podem trabalhar com os alunos indo além do livro didático de língua portuguesa (LDLP), levando filmes que tratem sobre o gênero, como por exemplo, o filme A Odisseia (1997) ou Troia (2004), ambos baseados nos poemas épicos de Homero. Levar textos que falem mais sobre o conteúdo e atividades destacando as características do gênero, sua influência e importância.

Baseado no modelo de trabalho com sequências didáticas (SD) proposto por Joaquim Dolz, Michèle Noverraz e Bernard Schneuwly (2004), o professor pode utilizar a sua aula indo além do LD, instigando os alunos a conhecerem mais sobre o gênero épico. Para isso ele pode utilizar 4 aulas (de 45 minutos cada), antes de dar início ao conteúdo do livro.

(2 aulas)

O professor começa indagando aos alunos acerca de seus conhecimentos prévios sobre o conteúdo. Pode perguntar para eles: O que seria um clássico? É uma epopeia? Já ouviram falar sobre o gênero épico antes? Então ele apresenta o conteúdo a ser estudado sobre o gênero épico, sua origem, suas características e sua importância, dando exemplos a partir das epopeias antigas (como “Ilíada” e “Odisseia” de Homero e a “Eneida” de Virgílio) e além disso destacar sobre a importância de “Os Lusíadas” de Camões e a influência que teve a partir dessas antigas epopeias.

(2 aulas)

O professor leva uma atividade contendo perguntas sobre o gênero épico, de acordo com o que foi estudado inicialmente, contendo perguntas que destaquem sobre as características do gênero épico, bem como a sua origem e importância. Depois corrige junto com os alunos essa atividade debatendo sobre o conteúdo e faz uma breve síntese do que já foi estudado.

Pode-se utilizar recursos como: *Data show*; *Pen drive*; Quadro branco e Pincel; Cópias da atividade proposta. A avaliação deve ser realizada de forma contínua e formativa. Contará a participação nas atividades e a interação em sala.

Figura 10 – Atividade proposta da SD

Nome _____	Data: __/__/__
Exercício	
1. Defina o que é o gênero épico e diga de onde ele se originou, quais as suas características e a sua importância.	
2. A “Iliada” e “Odisséia” de Homero e a “Eneida” de Virgílio foram grandes epopeias que se destacaram no estudo do gênero épico, fale um pouco sobre elas.	
3. Na obra “Os Lusíadas” de Camões é uma epopeia baseada nos moldes antigos, cite em que aspectos o poema épico de Camões se inspira através do classicismo nessas obras da antiguidade, comparando-o com as mesmas.	
4. Em “Os Lusíadas” de Camões quem seria o verdadeiro herói principal simbolizado na história? Qual a importância desse herói para o povo português?	
5. Porque algumas obras se tomam clássicas? Explique de acordo com o que você entendeu.	

Fonte: Pesquisa (2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste trabalho foi possível alcançar o objetivo proposto, mostrando a importância do gênero épico, a sua formação e o seu estudo, analisando como está sendo tratado no LD. Foi possível perceber o quanto é necessário se estudar a epopeia em sala de aula e o quanto esse estudo contribui para a formação do aluno.

Por meio do estudo do gênero épico o aluno poderá conhecer a forma de educação que era utilizada na Grécia antiga e como era usado para a ampliação dos conhecimentos dos gregos e também na formação dos seus preceitos, das suas tradições e crenças. A poesia épica era essencial na formação da alma do homem grego, isso se inicia desde os tempos remotos, através da poesia homérica, mostrando que os poetas tinham esse papel crucial na educação, transmitindo o mito de fundação do seu povo. A poesia foi então o primeiro meio de preparar a mente tanto de crianças como de adultos para que pudessem compreender o mundo em que viviam, o porquê das coisas acontecerem de tal modo, a busca de uma explicação para todos os fenômenos que ocorriam na natureza e na alma humana.

Com esta pesquisa foi possível compreender o gênero épico na antiguidade e como a epopeia influenciou em obras posteriores, como em “Os Lusíadas” de Camões que se desenvolveu dentro do Classicismo e que buscou inspiração nessas antigas obras clássicas.

Ainda que esteja presente nos livros didáticos, o estudo do gênero épico ainda se expõe de maneira escassa, não há contextualização sobre o gênero, só é possível notar alguns trechos que o exemplifiquem, sem aprofundar no conteúdo, não contextualizando vários aspectos importantes a serem estudados.

É preciso que o aluno tenha o acesso a mais informações sobre o conteúdo, para que assim possa ampliar a sua visão sobre a epopeia e a sua importância. O estudo deve ir além do LD, o professor pode levar atividades, textos, filmes que façam com que o aluno compreenda ainda mais e se sinta instigado a conhecer e aprender sobre o gênero.

Esperamos com essa pesquisa poder contribuir para futuros estudos acadêmicos, principalmente para a didática do professor ao tratar sobre o gênero épico no LDLP do 1º ano do ensino médio, assim o trabalho discutiu as sugestões, que possam de alguma maneira contribuir para uma aprendizagem mais efetiva. Que o estudo do gênero consiga ir além do livro didático e o docente buscar outras fontes além do LD. O trabalho não é conclusivo e a partir dele é possível desenvolver outras pesquisas nesse sentido.

REFERÊNCIAS

- ALSINA, J. **Teoría literaria griega**. Madrid: Gredos, 1991.
- BRANDÃO, J.de S. **Mitologia Grega**. V. I. Petrópolis, RJ: Editora VozesLtda, 1986.
- CALVINO, I. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- CAMÕES, L. de. **L. V. de. Sonetos**. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1961.
- CAMPOS, M. I. B.; ASSUMPCÃO, N. **Esferas das linguagens**. 1. ed. São Paulo: FTD, 2016.
- CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. São Paulo, SP: Publifolha, 2000.
- CARDOSO FILHO, A. **Teoria da Literatura I**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2011.
- DETIENNE, M. **A invenção da mitologia**. Tradução de André Telles e Gilza Martins Saldanha Filho. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: UnB, 1998.
- EASTERLING, P. E.; KNOX, B. M. **Historia de la Literatura Clássica I: Literatura Griega**. Madrid: Gredos, 1990.
- ELIADE, M. **Mito e Realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- GHIRALDELLI JÚNIOR, P. **“Filosofia da Educação”**. São Paulo: Editora Ática, 2007.
- HAVELOCK, E. **Prefácio a Platão**. Tradução de Enid Abreu Dobránzs. Campinas, SP: Papyrus, 1996.
- HORÁCIO. **Arte Poética**. Tradução: Bruna, J. Lisboa: Editorial Inquérito, 1984.
- JAEGER, W. **Paideia: a formação do homem grego**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- LEMOES, Ester de. **Camões por Ele Mesmo**. Lisboa: Editora Verbo, 1972.
- MATOS, M. **Introdução à poesia de Luís de Camões**. Portugal: Instituto da Cultura Portuguesa, Amadora, 1980.
- MOISÉS, M. **Lírica – Luís de Camões**. 5ª ed. São Paulo: Cultrix, 1977.
- MURE, W. **Uma história crítica da língua e literatura da Grécia Antiga**. v. 1-3. London: Longman, Brown, Green, and Longmans, 1850.
- PIMPÃO, A. J. da C. **Os Lusíadas de Luís de Camões**. 4. ed. Lisboa: Instituto Camões, 2000.
- PLATÃO. **A República**. 2. ed. São Paulo: Editora Escala, 2007.

ROMILLY, J. **Perspectives actuelles sur l'épopée homérique**. Paris: PUF, 1983.

SAÏDS, S.; TREDE, M.; LE BOULLUEC, A. **Histoire de la littérature grecque**. Paris: PUF, 1997.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SOUZA, P.R. A religiosidade na poesia de Luís Vaz de Camões: a fé como proposta de solução para os “desconcertos do mundo”. In: CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS. 3, 2007, Maringá. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <http://www.ple.uem.br/3celli_anais/trabalhos/estudos_literarios/pdf_literario/085.pdf>. Acesso em: 2 fev. 2019.

STAIGER, E. **Conceitos fundamentais da poética**. Tradução de Celeste Aída Galeão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

TEIXEIRA, Eleazar Magalhães. **A descida do herói no Reino dos Mortos**. Rev. de Letras. Fortaleza, v. 11, n.2, jul./dez. 1986.